

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	15.º Anno — XV Volume — N.º 502	Redacção — Atelier de Gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	36800	18900	6900	4120	I DE DEZEMBRO DE 1892	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Como na nossa ultima chronica promettemos, começaremos a nossa chronica de hoje pelo fim dos festejos com que em Lisboa se solemnizou o regresso de Suas Magestades El-Rei D. Carlos e a rainha D. Amelia, pela recita de gala do theatro de S. Carlos, essa recita que tanto deu que fazer, que fallar, que pedir, que andar que commentar, que discutir, e que no fim de todo se realisou na noite de 22, com brilhante exito, apesar de ser terça feira, o que prova que n'essas coisas que contra as terças feiras se dizem ha muita intriga, muita injustiça e que ha muitos domingos que são mil vezes peores do que ellas — a comissão dos festejos regios que o diga.

A recita de gala correu muito bem; o aspecto do theatro era lindissimo, como o é sempre n'essas recitas em que a sala está mais illuminada, em que as senhoras vestem de gala, em que as casacas e as gravatas brancas substituem os fraques e até mesmo os jaquetões habituaes de S. Carlos: — magnifico o effeito da grande tribuna real quando Suas Magestades entraram seguidos d'um numeroso cortejo, pois raras vezes temos visto na tribuna real de S. Carlos tão lusida e tão numerosa comitiva.

O espectáculo foi o *Fausto* cantado pela companhia lyrica do colyseu da rua Nova da Palma, um *Fausto* que foi muito bem escolhido para noite de gala, porque sendo da pragmatica não se dever applaudir n'essa noite, com o *Fausto*, assim cantado, a pragmatica es-

teve toda a noite descançadissima porque ninguem pensou em a atropellar.

A familia real com uma delicadesa gentilissima conservou-se no theatro até ao fim do espectáculo apesar do *Fausto* ter cinco actos e assim cantado parecer ter dez: á entrada de Sua Magestade no camarote o sr. conde de Ottolini presidente da camara municipal de Lisboa levantou vivas a El-Rei, ás duas rainhas e á familia real portugueza, que foram calorosamente correspondidos por toda a sala, e no fim do espectáculo iguaes vivas foram levantados pelo sr. conde de S. Januario, como presidente da comissão promotora das festas, vivas a que todo o publico correspondeu,

saudando em seguida a familia real com uma pro longada salva de palmas.

E assim acabou esta festa e com ella os festejos do regresso de Suas Magestades que correram todos muito brilhantes e animados.

A abundancia de assumpto e a falta de espaço não nos permittiu occuparmo-nos mais cedo da peça original do sr. Lorjô Tavares, o *Segredo de Confissão* que com geral agrado se deu no theatro de D. Maria e que ali teve ha noites a sua decima

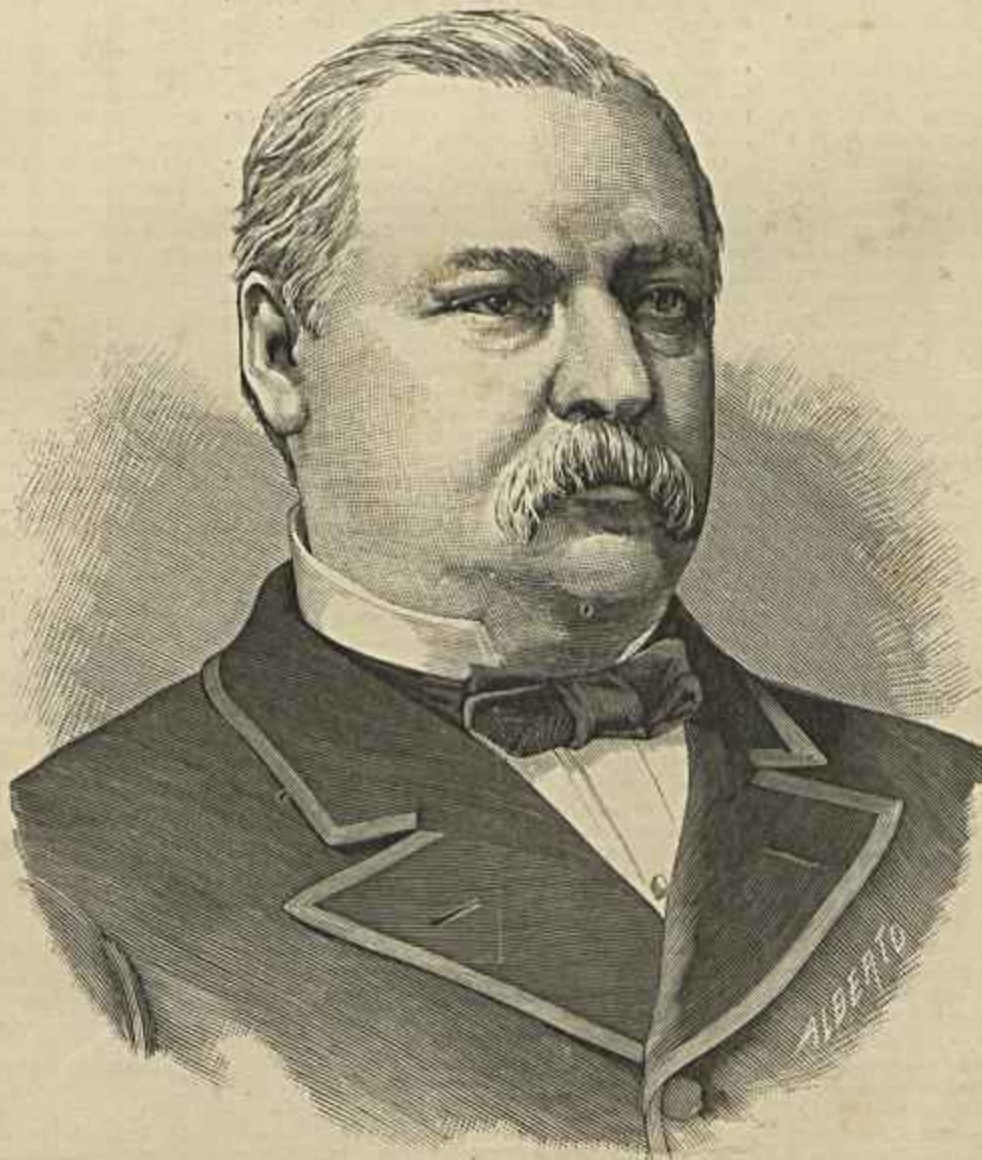
quinta representação, a recita de auctor, que foi para o sr. Lorjô Tavares uma noite de festa e de entusiasmo. O *Segredo de Confissão* é quasi uma estreia, porque a primeira peça do mesmo auctor, que teve um grande successo, a *Moura de Silves*, pertence a um genero muito differente, á opera comica.

E como estreia, o *Segredo da Confissão* é uma estreia de primeira ordem, que em duas ou tres scenas denuncia o pulso vigoroso d'um auctor dramatico a valer, d'um dramaturgo de folego, que hade prestar relevantissimos serviços ao theatro portu-guez e hade n'elle ter noites de brilhante gloria.

E' claro que a peça de Lorjô Tavares não é impecavel, que eu não sei onde estão essas peças impecaveis, perfectas, em que não haja que beliscar — o *Segredo de Confissão* tem mesmo muitos defeitos, mas é evidente que as suas qualidades resgataram para o publico esses defeitos, se não não teria ella feito a carreira que fez e tido o acolhimento festivo que alcançou.

A peça foi brilhantemente desempenhada pelos principaes artistas de D. Maria, que todas as noites eram ruidosa e calorosamente applaudidos.

Depois do *Segre-*



GROVER CLEVELAND, CANDIDATO Á PRESIDENCIA DA REPUBLICA NORTE-AMERICANA, TRIUMPHANTE NAS ELEIÇÕES DE 8 DE NOVEMBRO

do da Confissão o theatro de D. Maria fez reprise da primorosa peça de Fernando Caldeira *A Madrugada*, com uma alteração no desempenho e uma alteração que é mais um elemento de successo para a peça: a actriz Virginia, a grande e illustre actriz tão querida do publico faz agora o papel que na primitiva era desempenhado pela actriz Iva Ruth que sahio do theatro.

A *Madrugada* encontrou n'esta reprise o mesmo enorme successo que tivera da primeira vez, e no proximo sabbado dá-se em D. Maria a primeira representação da peça em 4 actos *A Estrada de Damasco*, original do sr. Alberto Braga, que com esta peça — da qual nos dizem maravilhas — faz a sua estreia no theatro.

Deseja nos lhes sinceramente um grande e justificado successo.

E já que fallamos em theatros passemos uma revista rapida pelos outros theatros de Lisboa, de que ha muito não fallamos.

O theatro do Principe Real depois do seu bom exito da *Tosca*, deu um drama em 4 actos *A Consciencia* original do sr. Antonio de Campos Junior o festejado e talentoso auctor da *Filha do Regedor*, que subiu á scena no beneficio do actor Carlos Posser, ensaiador e director de scena d'aquelle theatro.

Presos em casa por um ligeiro mas impertinente ataque de rheumatismo, doenças de velho que se vão chegando, não podemos ver essa peça, mas lemos em todos os jornas que havia n'ella scenas primorosas, caracteres muito bem estudados, coisas de muito talento, o que acreditamos facilmente porque conhecemos bem o superior e brilhante talento de Campos Junior por quem temos a mais subida consideração e a mais sincera estima.

No theatro do Gymnasio, fez beneficio o distincto actor Eloy, com uma peça em 3 actos traduzida do francez pelo sr. Baptista Machado, *A procura d'um duello*, e uma comedia em dois actos *O morto vivo*, imitação do sr. Leopoldo de Carvalho.

Esta ultima peça teve um grande successo de gargalhadas, é engraçadíssima e dizem nos estar imitada com muita graça e muita felicidade por Leopoldo de Carvalho, que se está mostrando um habilissimo *arreglador* de peças, tendo muito bom gosto para as escolher e accomodando as á nossa scena, com muita propriedade e espirito.

O Gymnasio prepara agora uma reprise da comedia em 4 actos *As medicas* em que Valle e Marcelino Franco tem dois papeis magnificos, e ensaia uma traducção, da comedia em 4 actos de Leon Gaudillot, *Ferdinand de Noceur*, que em Paris teve um successo enorme, successo que ha dias encontrou de novo na sua reprise, e que em Lisboa vai ser representada pelos principaes artistas do Gymnasio.

Na Trindade, a *Corte de El-Rei Pimpão* mantem-se ainda no cartaz, enquanto se acaba de ensaiar a opera comica *Ponte do Diabo*, traducção de Eduardo Garrido, que ha annos foi dada com muito successo no Rio de Janeiro.

Annuncia-se para breve n'este theatro uma opera comica traduzida do francez pelo sr. Eça Leal, *La petite muette* com musica original do illustre compositor portuguez o sr. Augusto Machado, o glorioso maestro da *Lauriana* e dos *Dorians*.

No theatro da Avenida continuam os *Madgyares* e activam-se os ensaios das *Georgiannas*, uma opera comica que foi das primeiras que se deram em Lisboa, ha muitos annos, no theatro do Gymnasio onde teve grande exito.

A *Rua dos Condes* inaugurou na sexta feira 25 a sua epoca com a opera comica o *Solar dos Barginas* que agradao immenso e está dando successivas enchentes áquelle theatro.

O desempenho é quasi todo novo e da primitiva só conservam os seus papeis, o actor Lima, o Pescadinha, o actor Conde, o Papa leguas, e o actor Antonio Salvador, o Regedor.

Os outros papeis são todos desempenhados por outros artistas. Cíntia Polonio faz o papel creado por Angela Pioto, Fantasy o da Elvira Mendes, Emilia Rochedo o da Candida Palacio, Isabel Pacheco o da Barbara, Sophia Santos o da Adelia Soller, Maria de Castro o da Delphina, Joaquim d'Almeida o do Valle, Roque o do Cardoso, Manuel Torres o do Gomes, Sergio d'Almeida o do Santos, Fialho o do Alves.

Sem entrar em confrontos, sem querer discutir primarias, o publico fez um bello acolhimento á peça na sua reprise, applaudiu muito os seus interpretes d'agora, como d'antes applaudira os seus interpretes de então e a peça continua a sua carreira.

Finalmente está decidida a questão de S. Carlos e não se pode dizer que não fosse sem tempo. O theatro foi adjudicado ao sr. Freitas Brito que está actualmente em Italia tratando de organizar companhia, devendo o theatro abrir no dia 1 ou 2 de Janeiro proximo.

A adjudicação do theatro ao sr. Freitas Brito foi muito bem recebida por toda a imprensa e pelo publico que se importa com coisas de S. Carlos.

Que o sr. Freitas Brito justifique, como é de esperar da sua provada competencia, as sympathias que acolheram a noticia de lhe ter sido dado o theatro de S. Carlos, é o que nós desejamos por elle, pelo theatro e por todos nós!

Assim seja!

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

MR. STEPHEN GROVER CLEVELAND

NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA NORTE-AMERICANA

Mr. Stephen Grover Cleveland, de quem damos o retrato, nasceu em Caldwell (New Jersey) a 18 de Março de 1837, é o quinto filho d'um presbytero. Desde muito novo foi obrigado pela pobreza de seus paes, a trabalhar n'uma casa commercial de Fayetteville, e depois começou os seus estudos na Academia de Clinton; foi mestre-escola em Nova York e na idade de dezasete annos partiu para Buffalo aonde seguiu a carreira de Leis, sendo admittido no foro em 1859 e nomeado ajudante do *attorney* ou fiscal do districto em 1862, e *attorney* proprietario, por opposição, em 1865; mais tarde sabiu eleito *sheriff* ou juiz, de Erie County, cargo que exerceu por espaço de tres annos, distinguindo-se por sua rectidão e energia, e em 1881 foi eleito *mayor* ou alcaide da capital do districto (Buffalo) por enorme maioria.

O advogado Cleveland no seu novo posto conseguiu abolir muitos abusos e conquistar as sympathias dos seus administrados e em novembro de 1882 pouco depois de ter proferido um notavel discurso subjectivo ao dever que o Governo federal tem de proteger a todos os norte-americanos que residam no estrangeiro ainda que se tenham naturalisado no paiz da sua residencia; foi eleito pelo partido democratico, com uma maioria de cerca de duzentos mil votos, governador do Estado de Nova York, aonde mostrou as suas boas qualidades administrativas.

Por estas circumstancias o partido democrata o apresentou candidato á presidencia da Republica, nas eleições de 1889 e havendo obtido um brilhantissimo triumpho Mr. Cleveland exerceu o alto cargo de primeiro magistrado da nação, durante o periodo de 1885 a 1889.

E agora, em oito de novembro proximo passado foi acceita a sua candidatura á presidencia da Republica por trezentos votos dos quatrocentos e quarenta e quatro representantes dos collegios eleitoraes eleitos n'este dia; podendo-se affirmar que na sessão definitiva de 4 de dezembro proximo será Mr. Cleveland eleito presidente da Republica para o periodo que decorre de 4 de março de 1893 a 4 de março de 1897.

Como homem d'acção dissemos ser energico, e acrescentaremos que como politico as idéas que defende são de grande alcance. A administração publica merece lhe todo o seu pensar pois que tenciona decretar reformas radicaes. Está resollido resolutamente a emprender uma activissima campanha de probidade administrativa.

O seu triumpho foi acolhido pelo paiz com grande entusiasmo, para o que concorreu fortemente, o ser partidario do livre-cambio e acerrimo adversario do ultra-proteccionismo.

MR. ADLAI E. STEVESON

NOVO VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA NORTE-AMERICANA

Mr. Adlai E. Steveson, candidato do partido democratico que com o partido chamado *do povo* enviou seu representante, foi o eleito para a vice-presidencia da Republica.

Como homem temos a dizer que, conta uns cincoenta e seis annos, que é affabilissimo, um verdadeiro cavalheiro; como politico que é um jurisconsulto distincto e que goza uma popularidade enorme nos Estados da União e principalmente entre o partido democrata.

O CANAL DE PANAMA

OS NOVOS PROJECTOS

Veio ultimamente á supuração um enorme escandalo, que está chamando a attenção publica em França, e que já transpõe as fronteiras em telegrammas que são lidos com avidéz e curiosidade por todo o mundo civilisado.

Esse escandalo diz respeito á administração da Companhia do Canal de Panamá, onde as irregularidades são de tal ordem, que levaram o governo francez a mandar instaurar um processo contra os administradores da companhia, em que se encontra o nome glorioso e respeitavel de Fernando Lesseps, e o do celebre engenheiro Eiffel, auctor da gigantesca torre do seu nome, que fez a admiração de todos os visitantes da exposição de Paris em 1889, e de outras obras notaveis de engenharia, como a Ponte «Maria Pia» da cidade do Porto etc.

Alem d'estes nomes, universalmente conhecidos, ha ainda o do barão Cottu, irmão de Lesseps, Marin e Fontane, administradores da companhia, tambem envolvidos na questão.

Ainda estava, por assim dizer, instaurado o processo, quando, na camara, o deputado boulangista Mr. Delahay, fez uma interpelação ao governo sobre a administração da Companhia do Canal de Panamá, interpelação que produziu ainda maior escandalo pelas graves accusações feitas por Mr. Delahay, que sustentou terem sido distribuidos trez milhões de francos, ou quinhentos e quarenta contos, a cento e cinquenta deputados para promoverem a approvação do projecto de lei relativo á emissão dos titulos com premios sorteados; sustentou mais Mr. Delahay que se tinham gasto cem a quatrocentos mil francos na compra de um jornal e um alto personagem politico para patrocinar aquelle projecto etc.

O effeito produzido por esta interpelação não se fez esperar. A camara levantou-se toda tumultuosamente pedindo inquerito e todos os esclarecimentos sobre o escandalo, e ao mesmo tempo que se nomearia na camara uma commissão de inquerito sobre o caso, e que o procurador da Republica trata de organizar o processo, a imprensa tem feito as mais compromettedoras revelações sobre o escandalo, sendo a *Cocarde*, a *Libre Parole* e o *Intransigent* os jornaes que mais se distinguem n'essas revelações.

A este facto veio juntar-se o suicidio do Barão Jacques de Reinach, accusado por alguns jornaes como envolvido tambem nos escandalos, o que vem dar mais importancia ás accusações feitas.

Floquet é accusado de ter recebido 800:000 francos da Companhia de Panamá, e como esta muitas accusações se fazem em que se envolvem muitos homens da politica franceza.

E' grande o numero de accionistas e obrigacionistas que hoje lamentam a perda do dinheiro que confiaram á Companhia do Panamá, e muitos d'elles ficam completamente arruinados, porque tinham empregado todo o producto de suas economias em acções e obrigações d'aquella companhia.

O escandalo que vimos de referir e que mostra a irregular e desgraçada administração da Companhia, veio a publico precisamente no momento em que se tratava de organizar uma nova empresa para a conclusão das obras do Canal de Panamá, empresa á frente da qual está Mr. Hielard, vice-presidente da Camara do Commercio de Paris.

A noticia da formação de uma nova empresa para a conclusão das obras do Canal de Panamá, despertou a maior curiosidade e interesse por parte dos possuidores de titulos da velha companhia, que debalde teem solicitado dos poderes publicos da França a protecção necessaria para salvaguardar os seus direitos e os seus capitales tão gravemente comprometidos n'este negocio.

Pôde dizer-se que acordou o cão que estava dormindo o somno das decepções, e esse acordar foi medonho como se vê.

Nada mais se pôde, por enquanto avançar sobre esta escandalosa questão que vai ser julgada pelos tribunales, mas que já mostra o quanto são irregulares os actos da Companhia do Canal de Panamá.

Não sendo da índole do nosso periódico o entrar na apreciação d'esses actos escandalosos, passemos ao assumpto principal d'este artigo.

A nova empreza que se propõe levar a cabo a construcção do Canal de Panamá, tem estudado varios projectos, sem que ainda resolvesse definitivamente adoptar algum.

No entanto Mr. Malgarini apresentou ultimamente um projecto que parece mais viavel que outros, porque vencendo as difficuldades que se apresentavam para a conclusão do Canal, tem a vantagem de aproveitar grande parte dos trabalhos feitos e material existente, o que necessariamente importa grande economia de dinheiro e tempo na conclusão da obra.

O projecto de Mr. Malgarini, de que reproduzimos em gravura os desenhos, consiste n'um systema de diques ou levadas, como facilmente se vê nas gravuras que publicamos e como passamos a descrever.

Na impossibilidade de cortar sufficientemente a montanha Culebre e estabelecer o canal ao nivel do Pacifico e do Atlantico, impossibilidade reconhecida durante os trabalhos já feitos, teve que se pensar em elevar o canal á altura da Culebre, salvando ainda a linha do Caminho de Ferro do Panamá Railroad que terá de passar por baixo do canal em dois tunneis.

A segunda gravura da pag. 267 mostra o conjunto da obra a fazer, para a passagem da Culebre. Sobre a vertente do Pacifico terá cinco diques ou levadas e nove sobre a vertente do Atlantico. O comprimento das levadas é variavel pela razão do auctor do projecto querer aproveitar o mais e melhor possível os trabalhos de atterramento já feitos, como ficou dito. Aproveita os estaleiros taes quaes estão e só trata de nivellamentos pouco importantes para construir as levadas nos diversos planos. A largura das levadas varia entre 58 a 100 metros e são duplas, isto é formam dois canaes a fim de permittirem a entrada simultanea de barcos navegando em sentido contrario.

A fim de reduzir quanto possível o gasto da agua, o auctor do projecto imaginou um systema de adufas que permite empregar a agua das caldeiras esgotada para a caldeira que se quer encher.

A alimentação da levada superior na cota de 75 metros, far-se-ha por meio de um reservatorio superior a levada formada na ribeira do Bispo, que é um dos principaes affluentes do Chagres e que pôde fornecer agua sufficiente para o canal.

Para a construcção das paredes de todo o canal M. Malgarini inventou um cimento que denominou *sidero monolitho calcareo*. Com este cimento formam-se monolithos calcareos de uma perfeita resistencia, com que se constroem as paredes do canal empregando uma mistura de cimento, arca de saibro, cal hydraulica e pó de pedra moída.

Este systema facilita extraordinariamente a construcção e permite por isso mesmo concluir obras em tres annos reduzindo a despeza a 300 milhões de francos, precisamente a metade da quantia calculada em outros projectos de acabamento do canal.

Parece enfim que o projecto de Mr. Malgarini é o mais vantajoso que se tem apresentado e que será o que a nova empreza vae adoptar.

Ao concluirmos este artigo recebemos a noticia telegraphica de ter cahido o ministerio francez, arrastado pela questão do Panamá.

O castello de S. João Baptista em Angra do Heroísmo

I

A immensa fortaleza que a nossa gravura representa, fielmente reproduzida de uma photographia tirada da banda das hortas, estende os seus grossos laços de muralhas em quasi toda a volta do monte Brazil, península que tem cerca de uma legua de circumferencia, sendo limitada a leste pelo porto de Angra do Heroísmo, a oeste pela bahia do Fanal, ao sul pelo mar, e ao norte pelo istmo que, separando essas duas enseadas, e descendo em suave declive para a cidade, é occupado pelos baluartes em toda a sua largura.

Inacessível em quasi todo o seu circuito marítimo, por causa das escarpas verticaes, essa península é formada por quatro picos, no meio dos quaes ha um valle circular, denominado a *Caldeira*, que foi cratera de um vulcão extincto muito antes do descobrimento da ilha. E em todo o monte Brazil as terras cultivadas, alguns arvoredos, as pastagens, os rebanhos e agua em muita abundancia fazem subir de ponto as vantajosas condições d'essa respeitavel posição militar. Dominando

a cidade e as duas angras, a que acima nos referimos, o castello de S. João Baptista, cujo perimetro accomodaria 400 peças de artilheria, poderia ser, na opinião dos entendidos, uma das mais formidaveis fortalezas do mundo, se fossem levadas a effeito as obras necessarias, em cujo plano estava naturalmente indicado o corte do istmo ou abertura de um canal que unisse as duas bahias a que já alludimos. E por isso muito bem diz o chronista fr. Diogo das Chagas que essa «é das melhores fortalezas, mais forte e inexpugnavel que o reino da barra para fóra tem, porque, além de pela terra estar mui fortificada, corre o mar todo em roda e, a partes, faz tão altas rochas que não é necessario artilheria nem vigias n'ellas; pelas outras partes de rochas mais baixas está cercado de muralha e artilheria que os castelhanos possuíam e com muito cuidado fortificaram.»

A denominação do *Brazil*, dada ao monte, provém do seu primeiro possuidor, Pedro Luiz de Sousa, fidalgo de Santarem, que foi á Terceira com muitas riquezas, levadas do Brazil; e por um documento nobiliarchico de 1687 consta haver sido elle quem deu principio ás fortificações do monte Brazil, sendo licito suppor que o fez de 1572 em diante, ainda no reinado do cardeal D. Henrique, que teve o pensamento de fortificar aquelle ponto.

Ignora se o dia em que foi lançada a primeira pedra dos alicerces do castello, mas é certo que esse acto foi praticado com grande solemnidade e concurso de povo, na presença do bispo D. Manuel de Gouveia e do governador militar D. Antonio de Puebla, que, por ordem de Filipe II de Castella, primeiro de Portugal, deu ao castello o nome de S. Filippe, em honra do santo do seu nome. Depois da restauração se chamou de S. João Baptista, por ter sido D. João IV o restaurador de Portugal. O dr. Gaspar Fructuoso, L. VI. c. III, diz ser fóra de duvida que, antes da invasão de Castella, havia já o forte de Santo Antonio, a leste do monte Brazil.

Está o castello cercado de grandes e profundos fossos, abertos a picção, e divididos por muros de dois palmos de espessura. Uma solida ponte de madeira, lançada sobre o fosso até o alcapão da ponte levadiça, segura por fortes correntes de ferro a uma soberba portada, dá accesso ao corpo da guarda, onde cabem duzentos homens armados. Por cima do tecto, formado em alta abobada, corre o solo de tufo junto da muralha; vindo a mesma casa da guarda terminar em outra grande porta, que, dando para um vasto terreiro ou praça de armas, tem diante, para o nascente, uma egreja, cujas altas torres se distinguem perfeitamente na gravura.

Deixemos agora o auctor da *Historia insulana*, l. VI, cap. IX, completar esta descripção:

«Para a parte do sueste estão umas taes cisternas que levam tres mil pipas de agua, e para o poente correm tantas ruas ou quarteis de casas de pedra e cal e dois sobrados, que podem alojar quinhentos soldados, e ordinariamente tem trezentos visinhos, e n'elles mora toda a casta de officiaes e casaes inteiros; e correndo para o norte se segue o nobre palacio dos governadores do castello que fica com a frontaria para o nascente, defronte da egreja e sobre o grande rocio, vendo os exercicios de guerra que n'elle se fazem, e ainda outro menor rocio corre do palacio para o poente, e é tão nobre este paço que n'elle morou annos o senhor rei D. Afonso VI.»

Todavia, o castello de S. João Baptista não serve só para attestar o adiantamento da arte da guerra no seculo XVII; é tambem um importante monumento, cujas memorias, por sua intima relação com a historia patria, são na verdade dignas de perpetua recordação.

A todas sobreleva a da reclusão de el-rei D. Afonso VI, e por isso d'ella aqui trataremos sómente.

II

Aos 17 de junho de 1669 surgiram defronte de Angra tres fragatas, em que vinha D. Francisco de Sousa, marquez das Minas e conde do Prado, e uma caravella com o almirante Luiz Velho. No dia seguinte a armada lançou ferro, e d'ahi a pouco desembarcou o dr. Antonio Vellez, secretario da embaixada, e João Cardoso Pisarro, commissario geral da cavallaria, que logo se dirigiu para o castello com aviso para o governador, Sebastião Correia de Lorvella. Divulgou-se immediatamente por toda a parte que a armada trazia el-rei D. Afonso VI.

Prevenida a camara municipal para ir a bordo da nau, afim de se tratar negocio de summa importancia, ella assim o cumpriu sem demora, recebendo do marquez das Minas as ordens do principe regente que lhe confiava a pessoa de el-rei,

seu irmão, para viver retirado no castello de S. João Baptista, por ser esta a sua vontade, e por convir tambem á quietação do reino. Na mesma occasião apresentou lhe as instrucções que trazia, e fez entrega da carta regia que sobre este assumpto lhe era dirigida.

No dia 21, pelas quatro horas da tarde, a nau deu um tiro de peça, signal convencionado para largarem os hateis da praia e se effectuar o desembarque. Apenas atracaram á nau, sahi o bergantim com D. Afonso VI, acompanhado pelo marquez, e apoz elle um escaler com o conde de Mesquitella e D. Pedro de Sousa, filho do marquez. Quando o bergantim ia a chegar defronte da ponta de Santo Antonio, o castello salvou e verificou se o desembarque no sitio denominado *Porto novo*.

O rei apoiava-se nos braços do marquez e caminhava com alguma difficuldade, por causa do achaque de estupor que padecia desde a infancia. Apenas chegado ao campo do *Relvão*, mettu-se n'uma litteira com o marquez das Minas, entrando n'outra o conde de Mesquitella e D. Pedro de Sousa. Pouco depois era recebido ás portas do castello pelo governador, com as chaves e cerimonia do estylo. Novamente salvou o castello, sendo correspondido pela cidade com muitas festas e repiques de sinos em todas as egrejas parochiaes e nos conventos de ambos os sexos.

As instrucções contidas na carta regia de 25 de maio de 1669 dirigida ao conde do Prado eram simples e breves. Concedendo lhe os mais amplos poderes para que tanto os creados que acompanhavam D. Afonso VI, como o governador do castello da ilha Terceira, a camara d'ella, e todos os ministros e officiaes de guerra e justiça e fazenda cumprissem e guardassem as ordens do conde do Prado «de bocca e por escripto, sem replica nem duvida alguma, com a mesma observancia que o deveriam fazer se por mim lhe fossem dadas, porque assim convém a meu serviço,» o regente entregava-lhe seu irmão para o levar á ilha Terceira, onde devia «aposentar se no castello d'ella com sua casa e creados,» limitando-se a dizer que «do amor e acerto com que me servis, e do zelo com que procuraes o que convém á conservação d'este reino» tudo confiava para a melhor direcção d'este negocio.

É mais explicita a carta regia, da mesma data, e sobre o mesmo assumpto, enviada á camara de Angra, pois contém a exposiçáo dos motivos que determinaram a reclusão do desventurado príncipe no castello de S. João Baptista. Diz assim:

«Sendo me presentes os muitos achaques, que sempre padeceu e agora padece a pessoa de meu irmão, e conhecendo eu que pelo horror e escandalo com que se acham os povos d'este reino na lembrança do seu governo; não se achando d'esta parte logar aonde com algum allivio pudesse segurar dignamente sua pessoa, a cujo risco seria preciso que o expuzesse a violencia e indignação e grande desordem: desejando achar meio com que pudesse dispensar na reclusão que se lhe julgou pelos tres estados do reino juntos em côrtes; por todas estas razões, como pelas muitas que concorrem da larga e grande experiencia que tenho da fé e zelo dos moradores d'essa ilha: fui servido dispor que fosse meu irmão a viver n'ella, e que se aposentasse nas casas da fortaleza d'essa cidade, assim por serem as mais capazes, como por concorrerem no sitio todas as circumstancias que se requerem para a saude e auctoridade, tendo de mais d'estas qualidades o divertimento da caça a que é inclinado, que não podia lograr n'este reino pelas razões referidas.»

A carta regia, endereçada tambem na mesma data ao cabido da sé de Angra, accentua mais as razões referidas, pela fórma seguinte:

«Por desejar que meu irmão vivesse com maior allivio e menos reclusão do que se julgou que tivesse pelos tres estados do reino juntos em côrtes, e entender d'elle que desejava estar em parte d'onde lhe fosse possível gosar do divertimento do campo, livre de todo o cuidado e cerimonia: considerando, por outra parte, se o apartasse de mim dentro d'este reino ficaria exposto necessariamente ao clamor, immortal queixa com que os povos viviam do seu passado governo; e que não seria possível prevenir, contra o seu natural, que não recaisse em continuos riscos de vida e auctoridade: desejando achar meio que, segundo o respeito de sua pessoa, conseguisse igualmente o refugio e a commodidade que convem, resolvi, com notavel e grande aprasimento de meu irmão, que fosse viver nas casas da fortaleza d'essa ilha, assim por a sua capacidade, como por ser o sitio approvedo pelos medicos, e applicado por elles para remedio dos achaques que padece.»

A carta regia que o marquez das Minas, apenas entrou com o rei no castello, entregou ao gover-

nador Correia de Lorvella, dizia textualmente: «Que para quietação do reino, por seus vassallos mal soffrem a condição feroz d'el-rei seu irmão, importava que elle estivesse retirado n'aquella praça, de cujo governo o dava por desonerado, porquanto havia provido n'elle o sargento-mór de batalha Manuel Nunes Leitão, pessoa esta a cujo cargo se havia entregue a direcção e superintendencia da casa do dito rei; e que em satisfação do bom serviço que elle Sebastião Correia lhe tinha feito queria o dito senhor que, sem embargo de ficar deposto do cargo, gosasse em sua casa o mesmo soldo que receberia como se n'elle permanecesse.» Isso não obstante, o Marquez deliberou que continuasse a servir o mesmo governador, pela muita consideração em que era tida a sua pessoa e os seus serviços, e por este motivo, havendo já findado o seu triennio, lhe passou nova patente, em nome do principe D. Pedro.

Durante o seu captivo, que durou cinco annos, o rei costumava ir sentar-se no monte denominado *das cruces*, e, alludindo a esse facto, um açoriano escreveu, ha já bastantes annos, os seguintes versos:

*Affonso n'aquelle monte,
Olhos tristes alongando
Por este vasto horizonte,
Pela patria suspirando,
Que de saudades curtira...*

Desditoso principe!

Omittiremos diversas occorrencias dignas de menção, succedidas durante o exilio de D. Affonso VI, para darmos uma breve noticia do seu embarque para o continente, em 24 de agosto de 1674.

A esquadra em que veiu para Portugal D. Affonso VI compunha-se de mais de oito velas, sendo uma d'estas a fragata *Piedade*, commandada por Francisco Guedes Ferraz. Aos 14 d'aquelle mez fundeou em Angra, e no dia 24 eram cinco horas da tarde quando o rei embarcou, tendo sido conduzido á praia assentado em uma cadeira raza por quatro dos principaes cavalheiros



ADLAI E. STEVESNO

NOVO CANDIDATO Á VICE-PRESIDENCIA DA REPUBLICA NORTE-AMERICANA
TRIUMPHANTE NAS ELEIÇÕES DE 8 DE NOVEMBRO

da armada, que o suspenderam nos braços até o collocarem no bergantim. A armada só levantou ferro a 30, e veiu comboiando duas naus da India até chegar ao Tejo.

A mudança do agosto prisioneiro do castello de S. João Baptista para os nobres paços de Cintra, onde foi acabar a sua penosa existencia, não

proviria do receio de uma conspiração tramada para restituir o infeliz monarcha ao throno de seus avós? De uma mulher que vivia em Lisboa com um advogado natural da Terceira, que foi preso, parece haverem-se colhido indícios sufficientes de que alguns grandes da corte, partidarios de D. Affonso VI, tinham enviado o mesmo advogado áquella ilha com participações importantes a outras pessoas d'esse partido em Angra. Ao mesmo tempo o governador do castello, Manuel Nunes Leitão, affirmava para o reino *estar sitiado*, o que determinou a sahida immediata de duas fragatas para a Terceira, onde se realisou a captura do vigario geral João Rodrigues de Carvalho — precedida e seguida de apparatus de força e de actos de violencia — que deram brado em toda a cidade. Seguiram-se ainda acontecimentos muito graves, como foram o supplicio do governador e de alguns creados do rei, bem como o degredo de outros; e do que não resta a menor duvida é que houve sempre o maior cuidado em acautellar a ilha Terceira e ter bem segura a pesoa do rei, enquanto ali permaneceu.

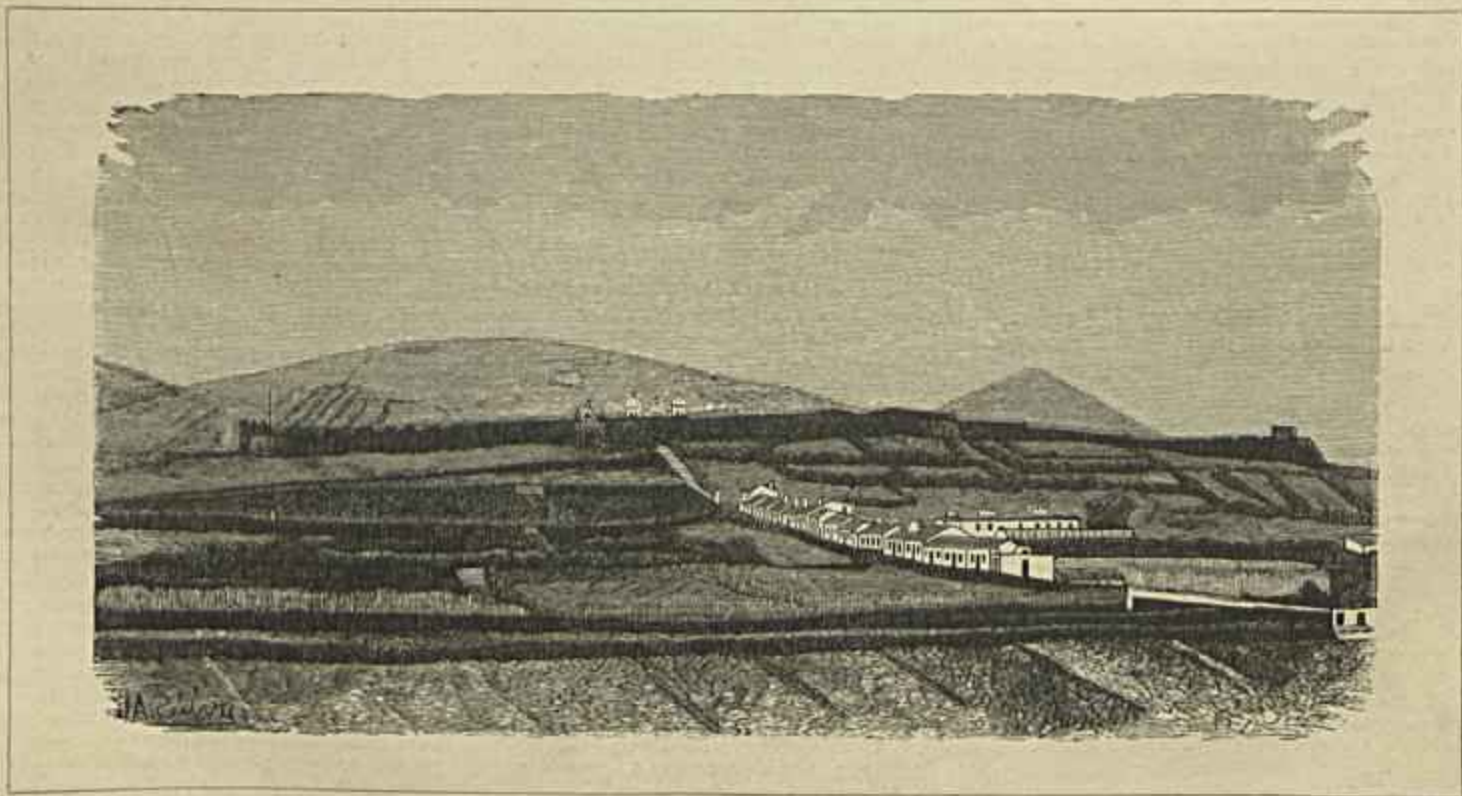
Por ultimo, é pelo menos suspeito o silencio do jesuita Maldonado, unico historiador insulano que tratou esta materia, pois diz elle «que, supposto soubesse algumas particularidades mais que n'estes incidentes se envolveram, tomei por accordo remettel-as ao silencio, por não dar materia a dizennos que poderiam incluir consequencias malsoantes; porque o muito apurado facilmente se corrompe.»

Bem se vê que este sisudo e experimentado varão seguia a maxima prudente de que o silencio é de ouro!

Alberto Telles.

A NAU DA FONTE DO DESTERRO

Os mais antigos chafarizes de Lisboa mostram o brazão da cidade, o navio, e um ou dois corvos,



O CASTELLO DE S. JOÃO BAPTISTA, EM ANGRA DO HEROISMO, NA ILHA TERCEIRA

(Segundo photographia do sr. Severino João d'Avellar)

os tradicionais corvos de S. Vicente; nas antigas propriedades municipais apparece tambem o brazão. Na rua dos Anjos ha uma série, em predios contiguos, de curiosos navios documentando a evolução do casco e do apparelho.

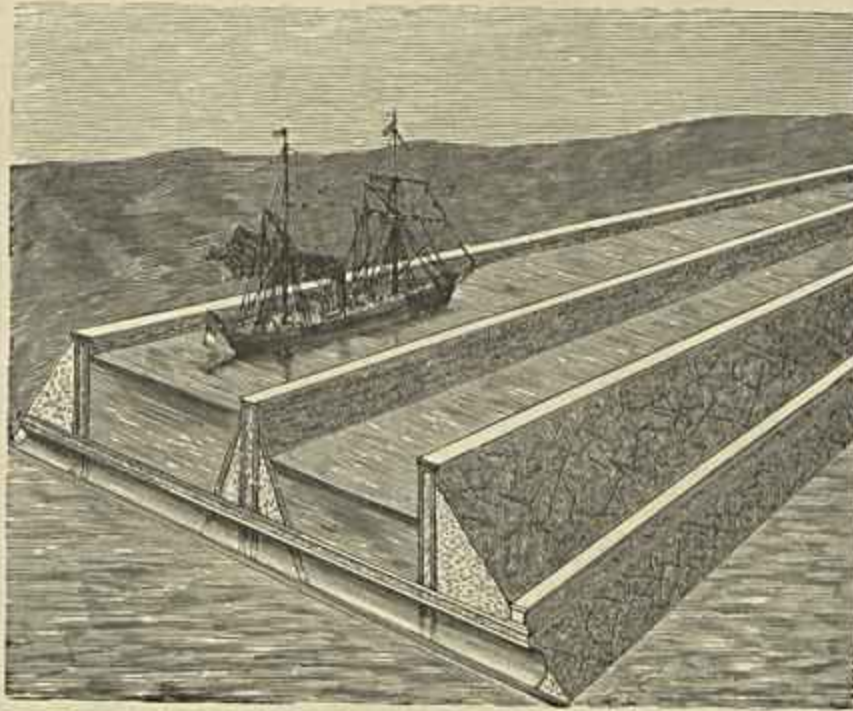
Apparecem alguns de tão singello aspecto, de tal rudeza de trabalho que se lhes pode marcar o seculo XI. Os chafarizes do largo de Andaluz e o de Arroyos ainda conservam as suas velhas inscripções. O da bica do Destero pode ser do meiado do seculo XVI, e tem o brazão esculpido com tal cuidado, que a nau se pode considerar como documental, como sendo reprodução de alguma que o esculptor tentou imitar, com fidelidade; por isto foi já aproveitada pelo distincto official da armada sr. Henrique Lopes de Mendonça nos seus — Estudos sobre navios portuguezes nos seculos XV e XVI.

O sr. Lopes de Mendonça acha o exemplar notavel pela appareição do panno redondo no mastro da ré; porque o apparelho das naus era redondo no mastro grande e do traquete, com a mezena triangular.

E' possivel que houvesse pouco, repáro da parte do canteiro ou mesmo cortasse um pouco por causa do corvo, porque a inclinação da verga parece mais propria de vela latina.

O chafariz do Destero é um monumento de Lisboa; já Velloso d'Andrade assim o considera (Memoria sobre chafarizes, bicas, fontes, e poços publicos, por José Sergio Velloso d'Andrade, Lisboa, 1851).

NOVO PROJECTO PARA A CONCLUSÃO DO CANAL DE PANAMA



CORTE VERTICAL DE UMA LEVADA

Leva esta nau um só corvo, caso que tenho visto repetido, e não dois que são os que pertencem ás armas de Lisboa Vid. Vilhena Barbosa, pag. 29 do vol. II. de *As cidades e villas da monarchia portugueza*.

E' possivel que a singular figura que no portico occidental dos Jeronymos sustenta um navio seja S. Vicente, representado identicamente n'uma pintura em madeira, nas Janellas Verdes. Algumas figuras do referido portico teem muita relação com as da notabilissima cadeira do côro de Santa Cruz de Coimbra; e n'este côro ha esculpturas allusivas ás campanhas maritimas dos portuguezes, representando naus á vella com as quinas, as cruces de Christo e a esphera, e outras marcadas com o crescente.

Acho estas relações artisticas muito curiosas.

O mouro prisioneiro do portico dos Jeronymos encontra-se tambem, quasi identico, no côro de Santa Cruz de Coimbra.

E' bom ir agrupando todos estes elementos, e melhor seria ir desde já inventariando todos os elementos de arte e de historia que existem no paiz.

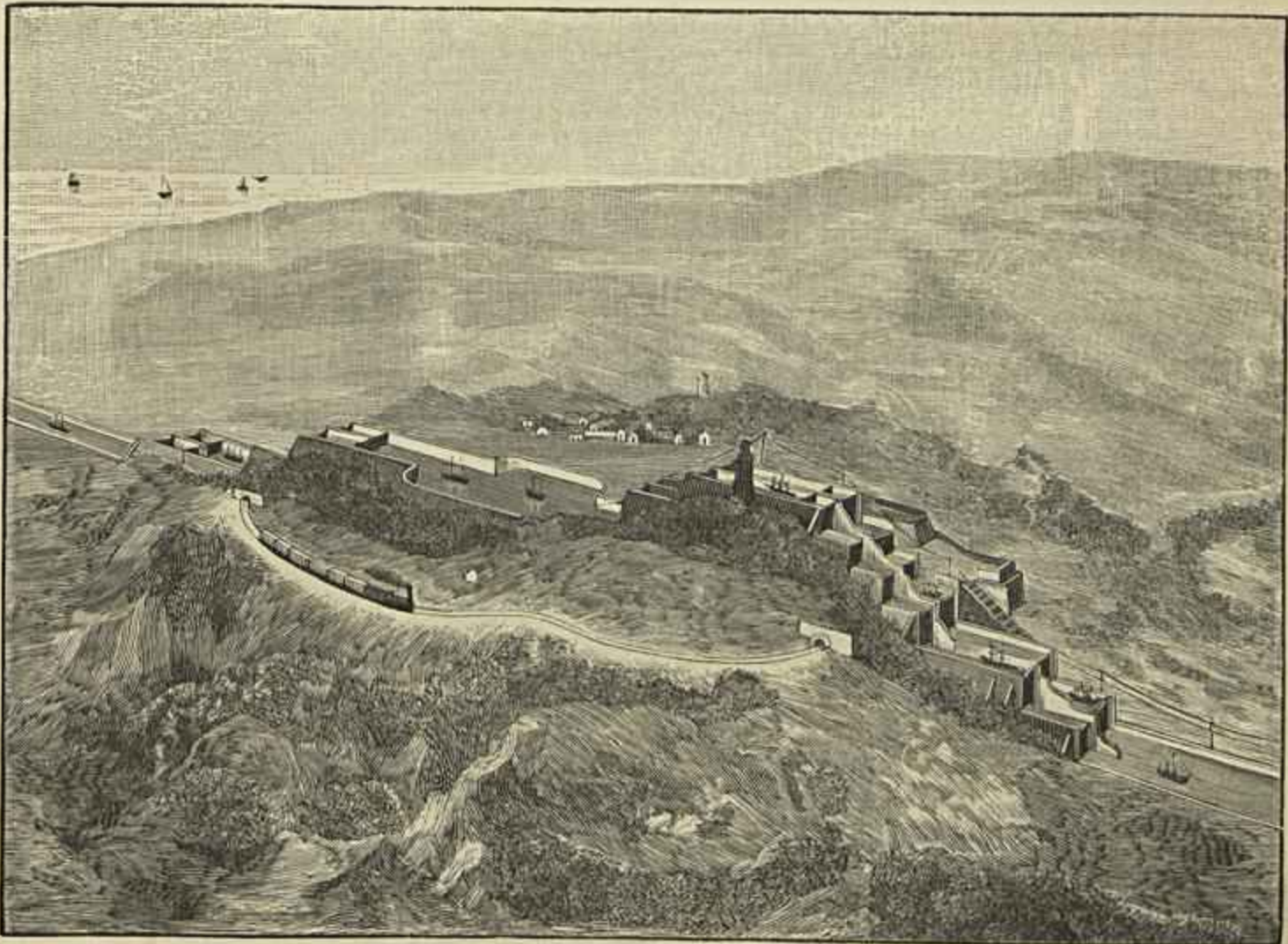
G. Pereira.

DR. ANTONIO AUGUSTO DA COSTA SIMÕES

REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(Conclusão)

Em 1890, oito annos depois de jubilar-se, o sr. Dr. Costa Simões, sempre entregue aos trabalhos scientificos da sua especial predilecção, prestou-se a fazer uma terceira viagem ao estrangeiro, a fim de assistir ao certamen medico internacional de Berlim e visitar os novos hospitaes de França, Belgica e



VISTA GERAL DO CANAL CONFORME O PROJECTO MALGARINI

outros países. Por motivo de doença, o nosso illustre biographado não pôde seguir viagem para esta commissão scientifica na occasião propria, tendo de a adiar para 1891. Não assistiu, portanto, ao certamen, limitando-se á segunda parte d'aquella missão, de que tirou, com vantajosos resultados, os precisos elementos para completar as suas importantes e apreciadas publicações hospitalares. A portaria pela qual foi incumbido d'esta nova missão scientifica tem a data de 12 de Julho de 1890, e acha-se firmada pelo illustre estadista sr. Conselheiro Antonio de Serpa. Nella se invocam, em termos honorífimos para o nomeado, o seu provado zelo e a sua reconhecida competencia.

Esta viagem de estudo, novas e valiosas produções scientificas, e a espinhosa missão de Reitor da Universidade, que acceptou no cumprimento d'um sagrado dever de patriotismo e de entranhada gratidão ao instituto de que é filho amantissimo, dão-nos ao certo a medida do seu genio, corajosa e persistentemente trabalhador. Com satisfação vemos assim confirmado o conceito que formara do benemerito professor, por occasião de retirar-se do serviço official da faculdade de Medicina, um dos mais scintillantes talentos da moderna geração universitaria, contido n'estas sinceras e expressivas palavras:

«Ao finalizar o anno lectivo univetsitario de 1881-1882, o Dr. Costa Simões deixa, por diuturnidade de serviço, a sua cadeira de professor. E' agora opportuna occasião de rememorar os seus serviços ao paiz, que por este facto se não devem considerar acabados. O Dr. Costa Simões continuará a prestar os até aos ultimos momentos de vida, porque a sua índole e temperamento, os seus hábitos e tendencias, os seus bríos e dignidade, a sua inquebrantavel persistencia nas empresas, a sua esculpida e sollicita intelligencia lhe não consentem estes ocios, a que todos em Portugal se se julgam com direito no termo d'uma carreira official.» (1)

Na primeira parte d'estes ligeiros apontamentos bio-bibliographicos, notámos em resumo os importantes trabalhos do sr. Dr. Costa Simões sobre variados assumptos. Representa essa simples enumeração um pregão eloquente dos seus altos meritos, como professor e como cidadão, e do grandioso e eficaz movimento que soube imprimir ao ensino experimental da faculdade de medicina.

A galardoar esses notaveis e brilhantes serviços, dos primeiros e mais lustrosos prestados ao nosso ensino superior, ahí estão successivas gerações academicas, consideradas auctoridades scientificas, e emeritos jornalistas prestando, dia a dia, sentidissimas e honrosas homenagens que glorificam a nobre figura, entre melancholica e amorosa, do sabio e sympathico professor.

Para nos referir desenvolvidamente a esses testemunhos eloquentes de affecto e justo apreço, carecíamos d'um espaço que não é licito exigir ás limitadas dimensões d'esta revista illustrada. Ainda assim não nos podemos eximir á satisfação e ao dever de relacionar, conoante a estreiteza do logar, alguns d'esses invejaveis louvores que, ajustando perfeitamente ao actual Prelado universitario, honram por igual a S. Ex.^a e á escola superior em que se creou e desenvolveu tão vigoroso e peregrino talento, seu dilectissimo alumno e depois mestre insigne e prestigioso:

«Abriu-se o campo experimental aos alumnos (da faculdade de Medicina), e ensina se-lhes a verificar e enriquecer a sciencia assim. Para esta reforma tem poderosamente contribuido o ensino pratico d'anatomia e physiologia geral professado com inexcédavel competencia pelo sr. dr. Costa Simões, auxiliado pelo seu habil preparador o sr. dr. Ignacio da Costa Duarte.» (2)

«No longo e laborioso tirocinio academico do estudante de medicina em Coimbra é certo que se experimenta uma surpresa agradabilissima quando pela vez primeira se entre nas aulas e laboratorios da Faculdade, e depois se estabelece a precisa e indeclinavel solidariedade entre o mestre e o discipulo. E' como se transitassemos bruscamente d'uma atmospheria viciada, que nos irrita até á dôr ou que nos condemna até ao marasmo, para o ar puro e bom que dá margem a uma hematose

livre e tonificante. As gerações medicas, que têm frequentado a escola de Coimbra, ahí estão, unanimes, para o attestarem.

E relativamente ao professor Costa Simões, desde que este benemerito introduziu no ensino os estudos de microscopia e de physiologia experimental, todos sabem com que perseverança e cuidado, com que superior delicadeza, elle sabe educar os seus discipulos no amor ao estudo pelo methodo da observação e da experiencia.

E basta, porque a missão altamente humanitaria e profundamente scientifica do meu honrado e venerando Mestre não carece de mais affirmações. (3)

«... Tal é a asserção inconcussa e auctorizada d'um distinctissimo professor e meu mestre — o sr. dr. Costa Simões, que sabendo da effectividade do ensino na Faculdade de Medicina deixa n'ella um rastro brilhante da sua passagem. Creando o ensino pratico da histologia e da physiologia, publicando livros com os resultados praticos das suas incessantes investigações; encetando a reconstrução dos hospitaes da universidade com as condições nosocomiaes, exigidas pela hygiene de hoje, e lutando com uma tenacidade admiravel contra a negligencia dos nossos governos, que lhe não teem fornecido meios de concluir aquella reconstrução; traçando ultimamente as bases para uma reforma do ensino medico, tendente a alargar mais o seu character pratico; tendo dedicado a vida inteira á cultura das sciencias medicas com uma probidade scientifica inexcédavel na affirmação da mais simples questão de facto; fugindo constantemente e com a maxima naturalidade e frieza das divagações theoreticas, ainda as mais seductoras; — legou nos em tudo isso um grande ensinamento e um exemplo a seguir.» (2)

«Approximemo-nos todos uns dos outros sem desconfiança, sem temor. Nem as intemperanças da mocidade devem assustar ou enfadar, nem tão pouco a prudencia, o comedimento dos annos é para descoroçar ou repellir. Temos d'isto uma prova esplendida, muito digna de ser memorada com prazer e elogio na festa que no recente anno lectivo os estudantes de medicina celebraram em honra do lente e decano jubilado da sua faculdade, o sr. Costa Simões. Foi ali, no laboratorio de histologia e physiologia geral, trabalhando lado a lado, que elle teve tempo e occasiões para desentourar as riquezas do seu saber e da sua honradez, e que os seus discipulos o foram cingindo cada dia mais estreitamente no enthusiasmo dos seus affectos! Imitemos tão bello exemplo, senhores. Este uniforme que todos vestimos não basta de per si para fazer de nós uma corporação; para o sermos temos de nos possuir de espirito de solidariedade, de camaradagem.» (2)

«... Quero alludir ás festas memoraveis do tricentenario do nosso grande epico e á homenagem ao professor Costa Simões, o eminente physiologista, de quem o nosso paiz, tão avaro em demonstrações para com os verdadeiros sabios, deverá orgulhar-se, como se orgulha a corporação que teve a invejavel gloria de contal-o entre os seus membros mais prestimosos.» (1)

«Para concluir o que respeita ao periodo correspondente á sua formatura (do sr. Eduardo Abreu) resta-me indicar a solemnidade que, com os seus collegas da faculdade de Medicina, promoveu e realisou a 21 de fevereiro de 1883, n'esta sala dos capellos, em honra do venerando decano jubilado da faculdade de Medicina, o sabio e benemerito professor Costa Simões, a quem em maio do anno anterior o governo concedera a jubilação requerida. Em vão tentaria mostrar agora quanto foi grandiosa e superior aquella solemnidade, pela concorrência numerosa e selecta, e pelo subido valor do elogio biographico traçado primorosamente pelo ex.^{mo} sr. Eduardo Abreu. Porém, no *Liber Memorialis* por elle publicado ficou gravada para sempre essa festa solemne, a unica que em Portugal se tem feito á consagração do nome de um benemerito da sciencia e do ensino do valor de Costa Simões. Que s. ex.^a, que com prazer vejo n'este acto, me permitta que, em meu nome e no da faculdade lhe diga que é sempre bem vindo e querido entre nós: os seus quasi

(1) Eduardo Abreu. *Histologia do tubo nervoso e das terminações nervosas nos musculos voluntarios da ra.* (Coimbra 1881, pag. xv.)

(2) Dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios, *Septicemia puerperal* (Coimbra 1882, pag. xi)

(3) Dr. Bernardino Machado, *Oração de Sapiencia em 16 de outubro de 1883, Aia da abertura das aulas da Universidade de Coimbra.*

(4) Dr. Augusto Rocha, *Oração academica* (no doutoramento do sr. Eduardo Abreu em 27 de novembro de 1887.)

contemporaneos, já infelizmente tão rareados, e os seus discipulos, que constituem hoje a maioria da Faculdade, que tanto o consideram e tão viva procuram manter a sua benéfica e salutar influencia, como um dos maiores entusiastas pelo ensino pratico da Faculdade.» (1)

«Sem laboratorios as sciencias physicas tornar-se-hão a imagem da esterilidade e da morte. Fora dos seus laboratorios o physico e o chimico são soldados sem armas no campo da batalha. A utilidade de taes instituções para o progresso scientifico em medicina é desde trinta annos um principio assentado. Todos os dias estão a levantar se novos e melhores. Ha d'estas officinas na Alemanha, Russia, Suecia, Hollanda, Belgica, Inglaterra e França. E em Portugal já temos uma na faculdade de medicina de Coimbra, sob a direcção do sabio professor Costa Simões.» (2)

«O douto livro de Costa Simões é livro d'um sabio encanecido nas lucubrações do estudo e do professorado. O seu vasto saber da especialidade que ensina — histologia e physiologia geral —, colhido pacientemente do trabalho proprio nos laboratorios que dirige, e de amudado commercio em países estrangeiros, com os mestres da sciencia, confere-lhe auctoridade, de ha muito indiscutivel. Dizendo que os seus esforços, sollicitude e tenacidade pozeram em Coimbra o estudo da histologia e da physiologia geral em tão elevada plana, que acompanha de perto o movimento actual; — que, por instancias suas, pouco tempo ha, um lente substituto da faculdade de medicina foi commissionedo para estudar, em França, na Alemanha e outros países os modernos aperfeiçoamentos, com que ampliar o ensino d'aquella cadeira, — apreciáveis, senhores, quanto deve a Costa Simões a medicina portugueza.» (3)

Depois dos auctorisados e brilhantes elogios, que acabamos de transcrever, firmados por tão eminentes professores, que mais e melhor se poderá dizer em honra do sr. dr. Costa Simões?

Por isso, só duas palavras, para terminarmos estes mal coordenados apontamentos, que muito á pressa extractámos dos «Anuarios da Universidade», dissertações e orações academicas, folhas periodicas de Coimbra, «Bibliographia da Imprensa da Universidade», por Seabra d'Albuquerque, «Diccionario Bibliographico» e principalmente do «Liber Memorialis» do sr. Dr. Eduardo Abreu, cujo exemplar n.^o 122, edição de luxo, possuímos por affectuosa e delicada offerta do talentoso auctor.

São muitos os honrosos diplomas conferidos ao merito scientifico e litterario do Sr. Dr. Costa Simões. Eis alguns dos que possui e que muito o nobilitam: Socio honorario do Instituto de Coimbra; socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa; socio honorario do Retiro Litterario Portuguez do Rio de Janeiro; socio correspondente da Sociedade Anthropologica de Paris; socio correspondente da sociedade Anthropologica Hespanhola, de Madrid; socio honorario do Instituto Pernambucano; Presidente honorario da Sociedade União Medica do Porto; Membro benemerito da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; socio correspondente da Reale Accademia di Medicina di Torino, etc.

Naquella classe de distincções, que tem incontestavelmente mais alto valor do que as officiaes, devem ennumerar-se tambem as seguintes homenagens.

No anno lectivo em que se jubilou, os estudantes da sua faculdade, offereceram-lhe um rico album de setim amarello com feichos e emblemas de prata contendo os seus retratos, e no qual se lia em uma das capas, a seguinte dedicatória: *Ao sabio, honrado e benemerito professor Costa Simões — Os estudantes da Faculdade de Medicina do anno de 1881-1882.*

Por esta occasião tambem os lentes da Faculdade de Medicina lhe tributaram uma significativa e perduravel manifestação, mandando collocar o seu retrato no gabinete de histologia, creado por iniciativa e perseverantes esforços do illustre cathedratico. No acto da inauguração uma outra gloria medica, infelizmente perdida já para a sciencia

(1) Dr. Daniel Ferreira de Mattos, *Oração academica* (no mesmo doutoramento).

(2) Professor Ferraz de Macedo, *Oração na abertura da Escola Medica de Lisboa em 10 de outubro de 1878.*

(3) Professor Serrano, *Relatorio lido na sessão solemne anniversaria da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa em 19 de outubro de 1878.*

(1) Dr. Augusto Rocha *Coimbra Medica*, n.^o 12, de 15 de Junho de 1882, pag. 192.

(2) Antonio Maria de Senna, *Analyse Espectral do Sangue* (Coimbra 1876), pag. xiv.

cia e para a patria, o dr. Lourenço d'Almeida Azevedo pronunciou estas sentidas palavras:

«O dr. Antonio Augusto da Costa Simões tem incontestavel direito a consideração, respeito e reconhecimento de todos nós pelo seu honrado caracter, pela sua intelligencia, pelo amor ao trabalho que constantemente tem manifestado e pelos relevantes serviços por elle prestados á sciencia, ao paiz, á Universidade e á Faculdade de medicina. Decidiu esta corporação por voto unanime que o seu retrato fosse collocado n'este gabinete que elle creou e desenvolveu, a ponto de causar a admiração de nacionaes e estrangeiros; e eu, cumprindo o mais agradável dos deveres, termino este pequeno discurso propondo que, sob aquelle retrato, se grave em letras d'ouro a seguinte inscripção: — Mandado collocar no gabinete de histologia por voto unanime da Faculdade de Medicina para testemunho de respeito e admiração pelos meritos e serviços do iniciador dos estudos histologicos em Portugal.»

Ramalho Ortigão, o incomparavel e primoroso estylista, e o mais fino critico do jornalismo portuguez, tambem um dia saudou calorosamente o sr. dr. Costa Simões, escrevendo em uma das suas apreciadas cartas enviadas á *Gazeta Nacional*, do Rio de Janeiro, um rasgado louvor aos seus trabalhos experimentaes, bem frisado n'este breve periodo: «... Em um estabelecimento (falle da Universidade de Coimbra) onde o estudo da biologia, graças aos esforços supranacionaes d'um professor eminente, o dr. Costa Simões, tomou um desenvolvimento unico em Portugal pela criação d'um laboratorio de physiologia experimental...»

Entre as obras que tem sido offerecidas ao sr. Dr. Costa Simões citaremos o importante livro *Estudos sobre o systema nervoso, Diagnostico das molestias do canal vertebral*, pelo sr. dr. Augusto Rocha, no qual se lê esta dedicatória: «Ao Excellentissimo Senhor Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, ao primeiro histologista e physiologista portuguez;» e bem assim a valiosa menographia do sr. Magalhães Lemos, da Escola Medica do Porto, *A região psychomotriz*, dedicada «a Costa Simões, iniciador dos estudos histologicos em Portugal.»

Encarando agora o sr. dr. Costa Simões pela sua feição de patriota e de bonissimo caracter, proponho ás mais nobres acções, muito teriamos que dizer ainda, se para isso podessemos dispor do preciso espaço. Mas como, ao contrario, temos de terminar já, em razão de nos faltar esse elemento, só diremos, com tal orientação que, como testemunho de agradecimento pelos mais relevantes serviços, figura o nome de Costa Simões em duas modernas ruas, uma na pittoresca aldeia de Luso, concelho da Mealhada, onde floresce o estabelecimento thermal da sua iniciativa, e outra junto do hospital de Nossa Senhora da Guia do Avellar.

Relacionam-se estes dois honrosos monumentos com os excellentes serviços prestados pelo nosso biographado áquellas duas localidades, serviços augmentados ultimamente em 1891, com os donativos que obteve do philantropico cavalheiro sr. conde de Wilson, um de oito contos de réis para a construcção dos paços da camara da Mealhada, e outro de dois contos de réis a favor dos melhoramentos d'aquelle hospital.

Com a entrada do anno lectivo de 1892-1893 inicia-se uma nova Reitoria na Universidade de Coimbra. As suas qualidades de caracter do sr. Doutor Costa Simões, accentuadas principalmente n'um deliberação firme e na mais elevada comprehensão dos deveres de justiça; o seu notavel prestigio scientifico, que resôa lá fóra; e o longo e proficuo tirocinio de administração publica a que dedicadamente se entregou desde moço, dão-nos a esperança de que ha de corresponder por completo á expectativa geral, dirigindo com superior acerto o instituto que tanto honrou já como illustre membro do seu corpo cathedratico.

OS AUTOGRAPHOS DE CHRISTOVÃO COLOMBO

XXVII

(Concluido do n.º 300)

Concluindo a transcripção das cartas autographas de Christovão Colombo, passamos a elucidar o leitor do que parecem significar as letras que

constituem a firma mysteriosa do grande almirante, e com isso fechamos estes nossos modestos artigos de singela homenagem ao glorioso descobridor do Novo Mundo.

Eis o que a respeito d'aquella mysteriosa firma se lê a pag. 657 das *Cartas de Indias* publicadas em Madrid, em 1877 pelo ministerio de Fomento:

«Parece facil comprehender el significado de estas palabras (*Xpo FERENS*) escritas «medio en griego y medio en latin» segun decia desde Roma don Nicolás de Azara á don Juan Bautista Muñoz en 12 de Febrero de 1784; pero ¿se sabe cual sea el de las iniciales que al *Christo-Ferens* preceden? Dice Washington Irving que para leerlas debe empezarse por las letras inferiores, coordinando-las con las de arriba; Juan Bautista Spotarno conjectura que significan, *ó Xristos, Sancta Maria Josephus, ó Salvame, Xristus, Maria, Josephus*; y en la REVISTA DEL NORTE DE AMERICA, perteneciente á abril de 1827, se indica la sustitucion de *Jesus* por *Josephus*.

Semejante sustitucion no deve en nuestro concepto, aceptar-se, porque implicaria una redundancia, puesto que *Jesus* y *Christos* son homonimos, y *Josephus* completaria la invocacion, aun hoy vulgar de *Jesus Maria* y *Jose*.

Partidarios de esta opinion nosotros sustituiriamos tambien el *Salve* al *Salvame*.»

Deve notar-se os differentes modos de assignar no Almirante.

Nos escriptos ológraphos usava elle da rubrica complementar da firma, e não n'aquelles que careciam d'esta circumstancia. Assim vemos alguns documentos com dois traços na firma que segue ás mysteriosas iniciaes da seguinte fórma:

S.
S. A. S.
Xpo FERENS.

Entretanto que n'outras parece omitir esses traços.

Nas cartas autographas familiares apparece distincto o signal de abreviação e nos escriptos aos Reis o supre prolongando o braço do X.

Tambem algumas vezes substitue o — Xpo FERENS — com o titulo do cargo, da seguinte forma:

S.
S. A. S.
X M Y
El Almirante

S.
S. A. S.
X M Y
VIREY

E ainda n'outras suprime as iniciaes e limita-se unicamente a firma:

XPO FERENS

ou simplesmente

Xpo Ferens

Frei Antonio de Remesal, auctor da *Historia General de las Indias Occidentales*, imprimiu a pag. 102 a firma de Christovão Colombo, tal qual elle diz tel-a visto em uma carta do glorioso descobridor do Novo Mundo. E' ella assim:

S.
S. A. S.
X M A
Christo ferens

De d'onde se collige que o Almirante ou tinha certos modos de firmar as suas cartas, conforme as pessoas a quem se dirigia, ou então, o que não é muito presumivel, pouco se preocupava com a sua assignatura.

De resto, ácerca da significação dos mysteriosos caracteres da assignatura de Christovão Colombo, ha, pelo menos, uma duzia de interpretações mas nenhuma dellas precisamente clara e positiva, como por infelicidade, se dá em muitos factos da vida do glorioso descobridor do Novo Mundo, taes como o logar e data do seu nascimento, as particularidades da sua infancia e mocidade, e ainda outros muitos pontos, que na historia se acham ou um tanto nebulosos, dando margem a largas conjecturas, ou completamente apagados por falta de documentos authenticos que os legalisem.

Em conclusão. As festas colombinas, commemorando o quarto centenario da descoberta da America são mais do povo que dos reis.

A glorificação de Christovão Colombo feita pelos Estados da America do Norte, pela Italia e

pela Hespanha não é a do fidalgo, a do potentado que na sua arrojada empreza ostentou os seus pergaminhos de nobreza, a sua altiva progenie, os seus braços de sangue illustre, é ao contrario o do homem do povo, oriundo das camadas trabalhadoras da plebe, do sangue vermelho, mas quente e rutilante do proletario. Nada tem que ver a fidalguia, a orgulhosa e empavezada aristocracia, com essas festas de gloria ao audaz mareante que se atreveu a pisar as alfombras do paço real dos Reis Catholicos, por entre todos os grandes de Hespanha soffrendo com estoica resignação, mas com o devido desprezo, os sorrisos sarcasticos de uns e a guerra surda e invejosa de outros e combatido pela antocracia e a aristocracia; ambas de mãos dadas para o abaterem e contrariar!

São pois do povo estas festas, da humanidade que geme e se curva ante o despotismo e o poder dos grandes.

E' ante a memoria do intemperato mareante, o filho do obscuro tecelão genovez, o homem forte por excellencia, que trazendo no cerebro e sentindo no coração o impulso d'uma ideia persistente teve a coragem de lutar por ella contra os sabios e os fidalgos; é ante esse homem prodigioso que combatendo triumphou, dando ao velho mundo um mundo novo, cheio de riquezas e territorios até então inteiramente desconhecidos, é ante elle que se curvam hoje os Reis, evidenciando assim que a verdadeira realza não é a do sangue, mas a do Genio, que transpõe oceanos ignotos, abate montanhas, perfura istmos, desvia as correntes dos rios, rouba aos ceus os seus raios, e vence emfim todas os potentados da terra para realisar os seus designios.

Silva Pereira.



REVISTA POLITICA

No que mais se está fallando é nos planos financeiros do sr presidente do conselho e ministro da fazenda, se bem que não se saiba quaes elles sejam, mas como pelas declarações do sr. Dias Ferreira consta que esses planos envolvem o equilibrio das finanças ou extincção do deficit, basta o maravilhoso d'este facto para interessar o espirito meridional das nossas gentes, que se prepara para admirar o prodigioso milagre, com aquella curiosidade ingenua e tradicional que a levou muito confiadamente a esperar o Homem das Botas.

A necessidade de extinguir o deficit e a esperança que todos tem posto na sua extincção, tem sido o ideal e a morte de todos os governos ha um bom par de annos a esta parte; mas pela mais flagrante das contradicções é preciso concordar que nenhum d'aquelles governos pouco ou nada fizeram para attingir esse ideal.

Os tidos e presumidos por mais habéis financeiros quer na tribuna parlamentar, quer na imprensa, todos tem ido experimentar praticamente as suas theorias, assumindo a administração da fazenda publica, mas todos esses theoricos tem passado pelas mais cruéis decepções, tendo occasião de conhecer amargamente que é muito mais facil dispendir torrentes de rhetorica parlamentar ou encher columnas de jornaes com artigos de critica financeira, do que ser ministro da fazenda n'este paiz, em que o ideal politico é viver á custa do thesouro.

E o que se tem visto. E não tem havido modo de sahir d'este circulo vicioso, porque se todos reconhecem os eminentes perigos de um deficit constante e crescente na administração da fazenda publica, todos tambem concorrem para esse deficit mais ou menos inconscientemente, pensando que não é por si que vem mal ao mundo, mas sim pelos outros.

E tem sido para sustentar este estado de coisas que as reformas nos serviços publicos se tem feito aos milhares com o pretexto aparente de melhorar esses mesmos serviços, quando realmente o seu fim tem sido empregar milhares de pretendentes, com gravame para o thesouro e prejuizo para o desenvolvimento do trabalho nacional.

E tem sido para sustentar este estado de coisas, que muitas obras de melhoramentos materiaes do paiz tem custado quatro e mais vezes o valor que deviam custar, accrescendo que muitas d'ellas se tem feito mais para attender a interesses ou caprichos pessoases do que ás justas necessidades do paiz, do que provem a nulidade de seus resultados economicos.

Tem sido finalmente para sustentar este estado de coisas, que n'estes ultimos quarenta annos os rendimentos do Estado se tem elevado de sete mil e quinhentos contos a quarenta mil contos,

havendo hoje um *deficit* que então não havia, agravada ainda a nação com uma dívida fabulosa, que então não existia.

Este sudário mostraria indiscutivelmente a incapacidade financeira dos administradores da fazenda publica, se elles fossem os unicos culpados da má administração, mas como essa má administração tem sido sustentada pelos politicos que d'ella tem vivido, é claro que uns não são melhores financeiros do que outros, e que todos concorreram para o actual estado de coisas.

Ora tendo concorrido todos para o actual estado de cousas, resta saber se todos poderão e estarão promptos a concorrer para remediar o mal feito?

Crémos ser isto o que convem saber antes de conhecer o plano financeiro que o sr. Dias Ferreira está elaborando para apresentar ao parlamento, no sentido de equilibrar as finanças.

Inutil é esperar maravilhas, se não se der o concurso sincero e desprendido de todos, e mesmo assim difficil será chegar ao desideratum desejado, porque ha males que não se curam de um dia para o outro, e alguns mesmo já se não curam.

Do que transpira do plano do sr. ministro da fazenda, apenas se sabe que sua ex.* não agravará os impostos directos, reservando-se antes augmentar os indirectos.

Mais se diz que vão ser tributadas as acções dos tabacos. No que porém se não falla é na revisão da propriedade, que poderia trazer ao thesouro alguns milhares de contos, que andam desaminhados do fisco, sabendo-se o quanto anda illudida a contribuição da propriedade, como é notorio e por mais de uma vez varios jornaes a isto se tem referido, apontado com precisão algumas lacunas existentes.

Por aqui se pôde calcular o que vai por esse paiz fóra, e se a isto se juntar tantas outras omissões que se dão em outros impostos, chegamos quasi a convencermos-nos de que se todos pagassem para o Estado, o que deviam pagar, isso bastava para matar o *deficit*.

Poderá o sr. Dias Ferreira incluir no seu plano financeiro esta medida justa e no caso de a incluir, poderá pol-a em pratica tão inteira e justa quanto é mister?

Poderá o sr. Dias Ferreira fazer nos serviços da administração do Estado o mesmo que uma empresa bem dirigida faz na sua administração?

Ahi ficam as perguntas á espera de resposta para podermos avililar até onde pôde chegar praticamente o plano financeiro do sr. presidente do conselho.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O **General Gomes Freire**, por Manuel Barradas. Livraria Internacional, editora. Lisboa 1892. Um vol. de 103 pag. in 8.º com uma capa illustrada com o retrato de Gomes Freire.

É um estudo sobre a vida do grande Gomes Freire de Andrade, estudo que foi publicado no *OCCIDENTE* vol. XIII e que o seu auctor agora imprimiu em livro. Neste estudo encontram-se alguns documentos não publicados ainda e que dão bastante luz sobre a vida do illustre general tão injustamente apreciado pelos seus contemporaneos e tão iniquamente sacrificado pelas justicas do tempo.

É um trabalho patriótico este do nosso amigo e dedicado collaborador sr. Manuel Barradas, que além do merito litterario tem o merito da investigação para apuramento da verdade.

Subsidio importante para a historia e de bom exemplo para o exercito portuguez, assim foi reconhecido nas regiões officiaes e o ministerio da Guerra mandou fazer aquisição de 300 exemplares para serem distribuidos pelos quartéis e escolas regimentaes.

Felicitemos o nosso collega e amigo pelo feliz exito do seu livro e agradecemos a amabilidade da dedicatória com que nos o offereceu.

O **Oriente e a America**, apontamentos sobre os usos e costumes dos povos da India Portuguesa comparados com os do Brazil — Memoria apresentada á X Sessão do congresso internacional dos Orientalistas, por A. Lopes Mendes. Lisboa, Imprensa Nacional. Um volume de 125 pag. e 1 de indice, in 8.º grande

Esta memoria é um dos trabalhos que devia ser presente ao Congresso Orientalista que esteve para se reunir em Lisboa, mas que a invasão do cholera na Europa e talvez outras razões tambem, impediu que se realisasse. O sr. Lopes Mendes foi convidado pela sociedade de Geographia de Lisboa, em 23 de abril d'este anno a tomar parte nos trabalhos do Congresso Orientalista e tomou o encargo de fazer uma memoria sobre o *Oriente e a America*. No curto espaço de quatro mezes desempenhou-se da sua missão e em setembro apresentou á Sociedade o seu trabalho, graças ao grande conhecimento que tinha do assumpto, por ter viajado e feito estudos sobre estes paizes.

Consciencioso, como em todos os trabalhos que saem da sua penna, o *Oriente e a America* é um estudo verdadeiro dos costumes d'aquelles povos, em que se reconhecem os mesmos principios religiosos, os mesmos usos, as mesmas tradições na população gentia.

Este estudo é desenvolvido tanto quanto o permittiu o curto espaço de tempo em que foi feito, mas mostra grandes conhecimentos dos dois povos e bem se pôde dizer que o sr. Lopes Mendes dá n'esta memoria uma amostra do que tem para publicar sobre o Brazil de que, segundo nos consta, está escrevendo um desenvolvido livro.

Esperamos em breve publicar alguma cousa d'esse livro, que o seu auctor nos prometteu, sobre a descoberta do Brazil, o que será sem duvida lido com o maior interesse pelo publico que lê o *OCCIDENTE*.



A NAU DA FONTE DO DESTERRO

Ao sr. Lopes Mendes, nosso bom amigo, agradecemos a offerta do seu apreciavel livro.

Discurso proferido por Manuel Bento de Sousa na Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, em 12 de novembro de 1892, na sessão de homenagem a Antonio Maria Barbosa. Lisboa M. Gomes, editor, etc. 1892. Este discurso forma um folheto de 80 pag. in 8.º, adornado com o retrato do fallecido medico Antonio Maria Barbosa.

Não podia ser mais digna a homenagem prestada pela Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, ao seu fallecido socio, nem mais levantado e substancioso o discurso do sr. Manuel Bento de Sousa.

O illustrado orador seguiu no seu discurso todas as phases da vida do fallecido medico, desde estudante da Escola Medica até ao operador exímio. A arte e proficiência com que o sr. Manuel Bento de Sousa discorreu impressionou, vivamente o auditorio como nos impressionou a nós que lemos o famoso discurso. A originalidade resalta de todo elle, quer no estylo da phrase quer nas imagens e comparações.

Quizeramos transcrever na integra o primoroso discurso, não o podemos, porém, fazer aqui, mas para não deixarmos de extractar alguma das suas muitas bellezas, transcrevemos alguns periodos em que o sr. Manuel Bento de Sousa, falla do operador:

.....
Dentro em pouco o nosso sentido artistico apurava-se para a nova feitura, para o novo e original processo do moço operador, para a sua *maneira* emfim, a qual não posso descrever e nem ao

menos designar por um qualificativo, como o fiz para as dos seus antecessores

Tentarei dar d'ella uma idéa, indo buscar fóra uma analogia.

Quem quizer ser exacto na apreciação da litteratura do nosso tempo, e fór estudar os mestres consagrados pela opinião esclarecida, começará o seu estudo por Alexandre Herculano.

Este portentoso escriptor foi um gravador austero, que, a traços largos e fundos, cavou com mão firme e n'um bronze duro o estylo mais viril, e n'este estylo deu-nos a vida dos antigos, sempre com o epico, que, bem ou mal, está na mente de todos attribuir á idade média. A acção é sempre heroica, a peripetia desenlaça-se magestosa, e o grandioso conserva-se tão continuamente impresso nas suas immortaes paginas, que, quer a elle se atenha como no *Eurico*, quer o tempere com uma graciosa critica como no *Monte de Cister*, o leitor permanece em extase diante da escultural magnificencia.

Mas aquellas tempestades está presente o deus que as solta. Em todo aquelle jogo de acções energicas vê-se a mão do escriptor que as combina, e, emquanto a leitura não finda, temos ao nosso lado o artista que as vai pondo em movimento. A nossa admiração é igualmente repartida pela obra e pelo seu auctor.

Attendidas as diferenças, que ha entre uma novella e uma operação cirurgica, Alexandre Herculano escrevendo foi Jose Lourenço da Luz operando.

Lêmos depois Garrett. Na obra d'este primoroso escriptor as paixões são mais ternas, os homens tem mais coração, as heroínas são mais mulheres, e o leitor tomaria toda aquella vida imaginaria por uma existencia, a que realmente assistisse, se em todas as paginas não tivesse Garrett derramado profusamente a encantadora finura de um genio espirotuoso, que era só d'elle. E porque esse espirito sempre mimoso não pôde ser o dos personagens, que ali se nos mostram, ao lermos Garrett acontece nos, como ao lermos Herculano, o termos constantemente ao nosso lado e por companheiro inseparavel o divino artista, que produziu uma obra tão sua, que ainda até hoje não appareceu outra que possa com ella soffrer comparação.

Guardadas ainda as diferenças dos dois generos, a obra litteraria de Garrett é comparavel á cirurgica de Magalhães Coutinho.

Barbosa, esse, operando era como Gomes Coelho escrevendo. Julio Diniz, para empregarmos o seu nome das letras, forma na ala direita dos grandes litteratos de Portugal, pela sua imaginação, pelo seu estylo, por todos os dotes litterarios de um elevado romancista. Até hoje foi elle o unico que realiso em Portugal, completa e perfeita, a *maneira* de Walter Scott.

Nos livros do distincto escocoz tudo é suave e honesto; a acção é verdadeira, e quem o lê vive no tempo dos seus personagens, interessa-se pelas suas empresas, quasi que se apaixonou pelas suas heroínas e sente impetos de auxiliar os heroes nas suas façanhas.

Mas o auctor, que tudo foi capaz de contar, nunca está ali. O seu nome viu-se no frontispicio, esqueceu durante a leitura, tornou a lembrar no fim d'ella para o procurarmos em outro volume, tornou a esquecer e a lembrar, e, tente-se embora não progredir, será inutil a resistencia, porque tudo se ha de ler até ao fim. Mas n'um volume e n'outro e em todos nunca o artista lá está, nem é preciso que esteja, porque tudo tem um viver proprio, que ao sopro de nenhum creador foi devido.

Este talento especialissimo, que Walter Scott teve no romance historico, teve-o Gomes Coelho no de costumes.

Quando o lemos, nada nos perturba, nem interrompe; palpítamos d'aquella verdade, e uma só ficção encontramos, que é o dizer-se que alguém escreveu tudo aquillo. As suas heroínas são as boas raparigas, que nós conhecemos e respeitamos, os seus heroes todos os dias os vemos, e os seus medicos e os seus reitores os mesmos são, que nós abraçamos.

A esta *maneira* chama-se em litteratura a naturalidade, e não sei como possa chamar-se-lhe n'uma operação cirurgica, em que a natureza não entra nem pode entrar reproduzida.

E, comtudo, foi esta a *maneira* de Barbosa.